

100. Ainda existe medo, nada voltou ao “normal”

Odair Jeanjacque

Me chamo Odair Jeanjacque, indígena da etnia Galibi Kalin'ã e Karipuna. Enfermeiro, desenvolvendo, nos dias de hoje, a função de responsável técnico do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) do Amapá e Norte do Pará, no município de Oiapoque. Nesses meses da pandemia pude vivenciar os dois lados, o do paciente e o do profissional de saúde. Como já havia dito no meu relato anterior, fui o primeiro indígena contaminado pela COVID-19 no Estado do Amapá e, após minha recuperação, passei a trabalhar diretamente na equipe de intervenção a COVID-19. Como paciente pude ver que, por se tratar de algo novo, poucos profissionais de saúde estavam preparados para o que estava por vir. Uns por achar que o vírus não chegaria aqui, outros por insegurança diante da situação ou até mesmo por não buscar o mínimo de informação.

Como profissional fui em quase todas as aldeias da região de Oiapoque e algumas da região do Parque do Tumucumaque. Pude ver de perto a realidade de cada uma. Implantar as medidas de distanciamento social foi quase impossível e, muitas vezes, desnecessárias, pois na maioria dos locais quando a equipe chegava nas aldeias detectava um cenário de transmissão comunitária. Confesso que pensei que o vírus iria ser devastador no nosso povo, pois somos do grupo de risco por apresentarmos baixa imunidade, mas a realidade era outra. O vírus chegou de uma forma branda na maioria dos casos, em algumas aldeias tiveram casos mais graves, porém em pessoas que já apresentavam histórico de outras doenças, principalmente hipertensão e diabetes. Doenças essas com grande incidência na nossa população por nossos hábitos alimentares e hereditariedade.

Eram vários questionamentos por parte dos parentes e muitos que pegaram a doença nem sabiam do que se tratava, diziam ter tido uma gripe forte. Em uma aldeia do alto rio Uaçá, próximo à Aldeia Kumarumã, a agente de saúde indígena local relatou à equipe que uma pessoa da aldeia ficou doente e, por serem evangélicos, um grupo se reuniu para orar (pensavam que era coisa de espírito) mas observaram que, com o passar dos dias, essas mesmas pessoas começaram a apresentar sintomas parecidos, quanto mais se reuniam mais pessoas ficavam doentes, e logo todos da aldeia ficaram assim. Queixavam-se “que a comida

não pegava gosto, que sentiam calafrios, moleza no corpo e dor na cabeça e na costa”. No decorrer do tempo começaram a ter ideia do que se tratava, pois alguns ouviram falar no “tal” vírus e os seus sintomas. E a cada aldeia que chegávamos as histórias eram bem parecidas.

Nas aldeias do Parque do Tumucumaque o cenário era de medo. Por viverem em uma região isolada e de difícil acesso não acreditavam que o vírus pudesse chegar lá. A situação era mais delicada por não terem nem o básico, como sabão para lavar as mãos, já que o único meio de chegar nesse local é por avião e é bem caro o frete, lá também não há comércio para fazer compras. No Tumucumaque suspenderam todas as atividades realizadas em grupo para que, de alguma forma, pudessem conter o avanço da doença, mas de nada adiantou. O vírus já estava circulando em quase todas as aldeias da região. Nas duas regiões ouvimos falar com unanimidade sobre o uso de chás e banhos que estavam sendo utilizados como remédio para combater os sintomas da doença. Todos, de criança a ancião, estavam tomando o chá. E, aparentemente, estava dando certo, porque a doença não evoluía para a maioria das pessoas.

No entanto, ainda tivemos algumas perdas de pacientes que já tinham histórico de comorbidades. Eu, particularmente, perdi meu tio Fernando, que estava como chefe da CASAI (Casa de Saúde Indígena) de Oiapoque por muitos anos. Foi uma perda irreparável para a saúde indígena do Estado, pois o mesmo já trabalhava há décadas prestando serviço à população indígena, sendo conhecido por todos. Foi um sentimento de impotência diante da situação. Mesmo fazendo tudo que estava ao nosso alcance não obtivemos êxito. Quando ele partiu era eu quem estava em Macapá acompanhando, tive que dar a notícia para o meu primo, o óbito de seu pai. E mesmo com a dor da perda tive que ser “o enfermeiro” naquele momento...

Em meio a toda essa situação de crise a saúde indígena e a população puderam contar com grandes parceiros, governo, prefeituras e entidades não-governamentais que fizeram doações para que pudéssemos fazer acontecer.

Todos os dias temos pacientes novos e pacientes que ficaram com sequelas do vírus, como dor no peito, dificuldade de respirar, cansaço fácil, dor nas costas e nas articulações. Continuamos dando toda a atenção e cuidado necessário, explicando que esses são sintomas decorrentes do novo coronavírus. Continuamos orientando as equipes da saúde indígena a ter um olhar diferenciado com todos, principalmente as grávidas e os pacientes com comorbidades, que em sua maioria são idosos.

Hoje, o cotidiano da área indígena mudou muito. Ainda existe medo, nada voltou ao “normal”, as aulas ainda não foram retomadas, evita-se ao máximo aglomeração e é preciso o uso de máscaras para ter contato com outras pessoas de fora. As festas tradicionais e religiosas ainda continuam suspensas.

Muitas vezes os indígenas não querem que pessoas de fora entrem nas aldeias, mas como a maioria da população já teve contato com o vírus os cuidados diminuíram, porém, já é do conhecimento de todos o primeiro caso de reinfecção por COVID-19, que foi confirmado em *Hong Kong*, então, não podemos relaxar. Todos estamos ansiosos pela vacina, mas até que ela seja uma realidade temos que continuar com todas as medidas de prevenção.

Oiapoque, Amapá, Brasil

27 de agosto de 2020